

MOARA

Revista
dos Cursos
de Pós-Grad.
em Letras
UFPA

ESTUDOS DE NARRATIVA ORAL

ISSN 0104-0944



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor: Marcos Ximenes Ponte

Vice-Reitor: Zélia Amador de Deus

Pró-Reitores: Camilo Martins Vianna (PROEX)

Cristovam Wanderley Picanço Diniz (PROPESP)

Joaquina Barata Teixeira (PROPLAN)

Marlene Rodrigues Medeiros Freitas (PROEG)

Clara Alcaim Berman (PROAD)

Prefeito do Campus: Abílio Augusto Velho da Cruz

CONSELHO EDITORIAL

Presidente: Zélia Amador de Deus

Membros: Anaiza Vergolino Henry, André Luiz A. Mesquita,
Ricardo Ishak, Telma de Carvalho Lobo, Maria José
B. Accioli Ramos

Representante da Biblioteca: Maria da Graça C. Ponte de
Souza

Representante da Gráfica: Ivan Cardoso Costa

CENTRO DE LETRAS E ARTES

Diretora: Telma de Carvalho Lobo

Vice-Diretora: Guilhermina Pereira Correa

Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Letras:
Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões

Comissão Editorial: Audemaro Goulart, Benedito José Vianna
da Costa Nunes, Christophe Golder, Francisco
Queixalòs, José Carlos Chaves da Cunha, Leopoldina
Araújo, Luis Antonio Marcuschi, Maria do Perpétuo
Socorro Galvão Simões, Paul Rivenc.

Editor Executivo: Alexandre Mota
Revisão Editorial: Maria do Socorro Simões
Organização: Maria do Socorro Simões
Capa: Francisco Cavalcante
Composição e Diagramação: Jorge Domingues Lopes

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor: Ivan Cardoso Costa
Diretor da divisão de Editoração: Lairson Costa
Diretor de Arte-Final e Fotocomposição: Paulo Camarão
Diretor de Produção: Luiz Carlos Galeno
Montagem: Manoel Gomes de Lima
Fotolito: Walfredo Ávila dos Santos

Periodicidade: *Semestral*
Endereço: *Cursos de Pós-Graduação em Letras*
Centro de Letras e Artes
Campus Universitário do Guamá - R. Augusto Correa, 1
Guamá - Belém - PA - Brasil
66075-110 Fone: (091) 211-1499, 211-1501

Catálogo: Biblioteca Setorial do CLA

MOARA. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras/UFGA	
n.1	1993
Publicação interrompida de out/93 a set./94	
n.2	1995
n.3	1995
n.4	1995
n.5	1996
Belém, Universidade Federal do Pará	
Semestral	
1. Linguística. 2. Literatura I. Universidade Federal do Pará. Centro de Letras e Artes	
CDU 801	

Sumário

Nos guardados da memória...	
Josebel Akel Fares	
José Guilherme dos Santos Fernandes	I-VI
Aspectos da palavra criadora na ação de contar: a memória da origem	
Benilton Cruz	01-13
Analizando narrativas orais da Amazônia paraense	
Anna Christina Bentes	15-24
Réalisme et utopie: quelques réflexions d'un vieux routard	
Paul Rivenc	25-29
Belém e seus encantos de cobra, uma leitura-audição fragmentada da cidade	
Paulo Nunes	31-45
O boto, um Dândi das águas amazônicas	
Josse Fares	47-63
A princesa do Barro Vermelho: mil e tantas estórias amazônicas	
Benedita Martins da Cruz	65-92
Patativa do Assaré: memória e poética	
Gilmar de Carvalho	93-99
A alegoria da criação nos ofícios de Minelvino Silva	
Edilene Matos	101-107
O estatuto da oralidade: da unicidade à multiplicidade	
Silvio Augusto de Oliveira Holanda	109-118
A princesa que não ria	
Jerusa Pires Ferreira	119-126

Memória lusitana e narrativas amazônicas	
Maria do Socorro Simões	127-140
O “verídico” nas narrativas orais	
Christophe Golder	141-150

Nos guardados da memória...

Quinto número, quintessência. Entre idas e vindas mais um número de MOARA, que podemos conceber prazerosamente como anagrama de amor, este quinto elemento sem presença física, mas tão arrebatador como fogo, como água, como terra e ar, e sem o qual não haveria vida, não haveria histórias para se contar. Não haveria narrativa que “sai da boca”, ganha os ouvidos e percorre outras bocas. Em uma palavra, não haveria oralidade, a matéria principal deste número da revista e campo para tantos desencontros nos estudos literários.

Ironicamente, cinco é o número da união de yin e yang, para os orientais; é símbolo do casamento e da síntese para os pitagóricos. E é com esta alegria de “lua de mel” que podemos desfilarmos nossos olhares pelos artigos aqui publicados e ver face a face a letra e a voz se harmonizarem, tal qual era o princípio: O crescendo literário é saber que nossos conceitos podem ser, repentinamente, derrocados, como pororoca em beira de rio que leva ribanceiras tão fortes e majestosas, assemelhadas às “verdades absolutas” de certos teóricos da literatura: sem nos delongarmos nesta autêntica crise da razão, que diríamos também do “logos”, basta considerar a existência de uma literatura oral para que sejamos alvo de franco-atiradores. Mas com toda certeza, aceitamos o embate e o que mais nos agrada é termos companheiros de batalha do peso do Paulo, da Josse, do Sílvio, da Bene, da Socorro, da Christina e do Benilton, narradores da terra, aqueles que araram e fincaram o terçado no solo-mãe, ou que das canoas tarrafearam o fundo dos rios amazônicos; companheiros de outros brasis como Jerusa, Gilmar e Edilene; até mesmo o reforço da autêntica legião estrangeira na figura de Paul.

Entretanto, sem o cavalo-de-batalha IFNOPAP (“O Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense”), não teríamos a mobilidade de avançar nesse campo

minado. O Programa de Pesquisa do Centro de Letras e Artes, da UFPA, há três anos cavalga em histórias populares dos quatro cantos do Estado, envolto no canto, sendo a matéria coletada objeto de estudo de treze projetos, tendo à frente dezessete professores e um sem-número de bolsistas. E é chegado o tempo da colheita mediante os ensaios aqui presentes que, em sua maioria, utilizam as narrativas coletadas pelo IFNOPAP como material de análise.

Os ensaios de Socorro Simões e Sílvia Holanda analisam, através do estudo comparativo entre textos “populares” – as narrativas do programa IFNOPAP – e textos “eruditos” – dos escritores Gil Vicente e Guimarães Rosa –, que as diferenças nas modalidades de expressão encontram-se na estruturação dos níveis de conhecimento e no meio de transmissão a ser privilegiado: o erudito prioriza a escrita, o popular a oralidade. Neste ponto, entendemos que o que se nos impõe é o ato político de ter a voz, que no caso é a voz do dono da letra. Essa atitude de escrita, que não se deve confundir com escritura, se defendeu a bandeira da universalidade do discurso, que agora “não é mais privilégio exclusivo de quem possui o dom da palavra”, segundo Vernant (1990;175), ocultou, paradoxalmente, o que Zumthor entende por “índice de oralidade”, ou seja, a marca da intervenção da voz humana. Em nosso particular, privilegiou-se a narrativa em detrimento da narração. Estava selado o princípio do fim do encanto da palavra, da *sympatheia*, em nome do verdadeiro da investigação e posterior argumentação. Se a tudo isso correspondeu a derribada do mnemon, dos recitadores, dos jograis, não é menos verdade que a memória coletiva, e por isso mais popular, padeceu e padece de esquecimento profundo ou, quando muito, desliza no diário, em situações eufêmicas, caso das narrativas orais.

As noções de escritor e narrador são enfocadas por Benedita Cruz no artigo “A princesa do barro vermelho – mil e tantas estórias amazônicas”, apoiado no texto benjaminiano “O

narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. O narrador (re)cria a partir do que ouviu, o que faz de seu motivo não as invariantes, mas as variações surgidas das relações interpessoais, que pressupõem um auditório, uma audiência, daí o caráter social: enquanto houver ouvintes, narrador e narrativa sobreviverão ao pé da lareira, acalentando o frio, ou nas portas das ruas, espantando o calor. Contrariamente, o processo de criação do escritor é ato solitário, bem como a recepção do escrito pelo público-leitor. A matéria do escritor e do narrador pode ser a mesma, entretanto a elaboração, circulação e recebimento da obra diferenciam-se. Neste particular, ouvimos a voz de Georg Otte (1994;135): “Enquanto o romance, na qualidade de texto fixo, é suscetível a formar uma barreira aurática, devido à diferença histórica entre a criação e sua atualização pelo leitor, a narrativa assemelha mais às artes interpretativas pela necessidade de ser constantemente recriada por alguém [...]. O fato de cada ouvinte poder se tornar narrador, de a recepção e a produção poderem se unir na mesma pessoa, coloca a narrativa numa posição particular”.

A performance integra a “escritura” oral. O contato direto com o público nos mostra um personagem de olhos, ouvidos, olfato e tato atentos para perceber o interlocutor, usando o quinto sentido para dar sabor à contação dos guardados da memória. Ao encostar ouvidos e olhos na poética de Assaré, Gilmar de Carvalho não deixa escapar que a memória que pulsa nos versos do poeta se expressa através das várias linguagens do corpo, nas “vigílias sertanejas”: o texto escrito servirá para aqueles que não tiveram a oportunidade de assistir ao espetáculo e guardar a cena. O que não implica dizer que a escritura não esteja prenhe de oralidade. Quem nos conta esta história é Edilene Matos, ou melhor, Minelvino Silva, fazedor de versos da literatura de folhetos na Bahia. Minelvino é porta-voz da oralidade popular dos romeiros, no uso da “oralidade mista”, a que se refere Zumthor, o que prova que a impressão tipográfica não limita a imaginação.

O contador, ainda como porta-voz da comunidade, interage com os interlocutores e, muitas vezes, lhes oportuniza a fala direta. Nesse processo de co-construção ou construção coletiva do texto, Bublitz incorpora o falante secundário que intervém para apoiar o falante primário. É desta perspectiva que Anna Christina Bentes analisa a voz do pesquisador ou de outrem nas narrativas recolhidas pelo IFNOPAP. Perspectiva não muito diversa de Paul Rivenc que nos remete à importância das situações de enunciação, considerando as variações fonéticas e prosódicas para o estudo do francês familiar oral.

Dois estudos desta revista tratam da interdição. Jerusa Pires estuda o riso e o não-riso como processos de liberação e aprisionamento da ação. O riso é recalçado pela sociedade e a princesa que não ria precisa de cúmplices para liberá-la da “maldição”. Josse Fares analisa a personagem mítica dos mares amazônicos, o boto, como justificativa da transgressão dos interditos sexuais pelas caboclas ribeirinhas: como D. Juan das águas, o boto eufemiza situações como a perda da virgindade, e posterior gravidez, e o adultério; libera a cópula no período menstrual; e nivela homens e animais, mediante a antropomorfização do cetáceo. Inúmeras narrativas populares se fiam na proibição, transgressão do interdito e retorno à ordem: chapeuzinhos quebram caminhos interditados, perdem “chapéus” e retornam aos lares; cinderelas fogem do borralho, vão ao baile e lá encontram príncipes; caçadores desempenham suas funções em dias santificados, deparam-se com curupiras e voltam correndo para suas casas. O princípio do prazer se sobrepõe ao da realidade; todavia, em seguida, a ordem é restabelecida. A chegada ao final feliz requer a superação das provas. Dundes observa o comportamento da platéia diante de situações em que uma interdição é violada: a quebra do tabu é recebida com aplausos pela audiência.

Outro conceito a ser relevado no estudo da literatura oral é o de imaginário, presente no ensaio de Paulo Nunes que, ao estudar o imaginário belenense, através de recorrentes

imagens da cobra, nos acode com explicações sobre a presença do réptil no lúdico (cobra de miriti), no religioso (a procissão do Círio de Nazaré), no mítico-lendário (Cobra-grande), na geografia (o traçado dos rios que ladeiam a cidade), no literário (através de poemas de Raul Bopp e J.J. Paes Loureiro). As diversas angulações – a semiótica – conferidas à imagem configuram o imaginário, que se por um lado está separado do real, no sentido da coisa inventada – coisa não-reprodutora, mas criadora e poética – , segundo Castoriadis, por outro, pode ser o próprio real, o real imaginário irmanado ao real material por obra e graça do ideológico, concebendo uma representação do mundo imposta; conforme Le Goff.

E entra em cena o poeta, fundador da palavra. Ou será do mito? Mitopoética é a palavra-chave do ensaio de Benilton Cruz, tão poeta, tão fundador. Porque o ato de criação é o ato da origem, do mito, que não se deve confundir com o primitivo, no aspecto do rude, do grosseiro, como os “evolucionistas” possam querer. “A idéia de mito que se quer seguir aqui será [...] a de ação da palavra criadora, quando mito é encarado como um discurso, um ato criativo da fala”, nos diz o ensaísta. Momento que nos faz crer que as duas pontas da corda, da cobra, estão atadas: a serpente oúroboros, que morde a própria cauda, representa o eterno retorno que em nosso entender é o retorno que faz o poeta banhar-se na fonte de Mnemosine. Parmênides e Heráclito estão de mãos atadas; e nós também, somos todos humanos!

* * *

E entrou por uma porta e saiu pela outra, quem quiser que conte outra !

Josebel Akel Fares
José Guilherme dos Santos Fernandes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov." Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas. Volume I. 6. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CASTORIADIS, Cornelius. "A instituição e o imaginário: primeira abordagem". A instituição imaginária da sociedade. 3. ed. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DUNDES, Alan. "A morfologia dos contos indígenas norte-americanos". Morfologia e estrutura no conto folclórico. Tradução de Lúcia Helena Ferraz et alii. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- LE GOFF, Jacques. O imaginário medieval. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.
- OTTE, Georg. "O narrador sem aura ou pensando a reprodutividade oral em Benjamim". Revista de estudos de literatura. Belo Horizonte: vol. 2, outubro/94.
- VERANT, Jean-Pierre. "Aspectos míticos da memória". Mito e pensamento entre os gregos. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.